

EPISTEME E MÉTODO PARA O RESGATE DA MEMÓRIA EDUCACIONAL DE UBERLÂNDIA

José Carlos S. Araújo *

Este é um texto que introduz o percurso orientador de um projeto de pesquisa sobre a memória educacional de Uberlândia. Intenta-se recolher testemunhos orais de ex-professores, com o fim de resgatar a filosofia e a história educacionais, num período que cobre as décadas de 30 a 60. Ter-se-iam como marcos fronteiriços desde os idos da República Nova até a Lei nº 5692 de 1971, que estabeleceu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional ainda vigentes.

"O passado não é o antecedente do presente, é a sua fonte"¹. A luz do passado é o presente. Este presencia-liza o passado, não ao modo fotogrâfico, mas interpretativamente. É isto que se pretende fazer: elaborar um texto cujo objeto seja a vida escolar vivida pelos outros.

Não é um memorial, porque deste passado não participei. É um memorial dos outros que certamente trará luz ao nosso. Na medida em que este memorial dos outros presencialize o passado,

o presente que vivemos se torna menos opaco. Aliás, é o presente que provoca a busca pelo passado. A memória é o que permite isso, ou talvez mais: ela se dialetiza com o que vivemos. Por conseguinte, nenhum gênero memoria-lista se constitui apenas como registro. Em tempo: registrar eventos e ou inter-pretações nunca foi ato de neutralidade; esta é apenas uma pretensão descabi-da.

O relato oral como instrumento de conhecimento não é privilégio de jorna-listas, comunicólogos e outros. É tam-bém um meio de expressar o legado cultural de um passado recente. Foi sempre um testemunho possível e de muita valia, e tecnicamente mais viável na atualidade, graças à contribuição dos recursos propiciados pelo desen-volvimento da eletrônica. A mediação da tecnologia torna-o um instrumento ri-co.

Coletar testemunhos orais, dar-lhes uma roupagem com signos escri-tos, imprimir-lhes um arranjo fundado no rigor, na análise e na crítica, constitui a dinâmica do processo metodológico.

* Professor do Departamento de Filosofia/UFU.

1. BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, p. 48.

Portanto, minha preocupação é socializar o **que** e **como** o pedagógico se conformou de acordo com um relato interpretativo de atores vivos.

A relação sujeito-objeto nesse caso se caracteriza pela empatia: o sujeito deve sempre manter viável o diálogo com o passado. Afinal, os memorialistas vão dialogar individualmente com o seu passado. A tarefa do pesquisador é dialogar individualmente com o passado deles, todavia mediatizado por eles. O pesquisador se faz presente pela compreensão fundada na crítica e na análise.

Fazer-se **ausente**, ou menos presente, no testemunho dos memorialistas é um desafio. A interferência na seleção de seus temas não pode existir, sob o risco de se construir uma compreensão apesar deles, o que não faz nenhum sentido, inclusive do ponto de vista hermenêutico. O pesquisador não pode se fazer um atravessador; deve, sim, ser apenas um intermediário, porém ativo e consciente. A organização do corpus do texto vivido não significa uma traição à fidelidade do testemunho, mas é uma tarefa que se impõe ao acadêmico.

“... Não voltamos ao passado unicamente para entender o presente, mas é justamente o presente que muitas vezes ilumina o passado e, portanto, ambos jogam unidos e reciprocamente”². Por sua vez, o testemunho

oral pode ou não ser fiel ao passado. No entanto, devemos submetê-lo comparativamente a outros elementos sob pena de não fazer História Oral.

Aqui cabe uma primeira distinção entre História Oral e História de Vida: aquela confere os dados históricos; esta, na verdade, não se importa com a memória embaçada pelo tempo. Aquela ordena, explica e compreende o passado como história. Esta assume a vida de atores vivos que viveram, e que estão testemunhando sem interferências academicizantes. Dar ao relato oral um arranjo fundado na crítica é próprio da História Oral, e não do pesquisador de História de Vida.

Um outro aspecto: esta se constitui de testemunhos individuais, os quais são tomados como partes significativas e plenas de sentido. É o privilégio do sujeito como sujeito. Eu diria até que há uma abundância na atribuição de sentido ao sujeito.

Para a História Oral, as memórias individuais são subsumidas e acolhidas como memória coletiva, isto é, a pesquisa é orientada à recordação e à eleição de aspectos significativos comuns. No entanto, não se pode simplesmente desprezar os subsídios que as recordações individuais oferecem. Porém é preciso que se diga que as memórias individuais são diretamente concebidas como matéria-prima, tendo em vista a elaboração do social, do co-

2. IGLESIAS, Esther. **Reflexões sobre o que fazer da história oral no mundo rural**, p. 60.

letivo. Isso não significa que o coletivo resulte de uma soma de partes.

A História Oral lida com interlocutores individuais, mas isso não pode significar uma superestima do papel do indivíduo na História. Não se trata de resgatar os grandes homens. E não creio que os professores sejam grandes homens no sentido da história oficial.

Na interpretação do relato oral, pressupõe-se que ele seja um testemunho histórico, um documento. Fazer exegese do testemunho oral é a tarefa primordial. Para isso, há que se contextualizar os referidos testemunhos individuais. Todavia, não são individualizados, na medida em que são de professores de uma região – portanto de um segmento social definido no espaço e no tempo – contemporâneos em idade, profissão, ideais, interesses, crenças, tradições pedagógicas ou não.

Mas isso não significa que estejamos a perseguir o homogêneo. Sabemos que o processo de convivência social não é assim. Os intérpretes tendem a categorizar o social; por isso, às vezes o constroem homogêneo. É óbvio que a escola é um instrumento de integração cultural, pois que ela "... tende a assumir uma função de integração lógica (cultural) de modo cada vez mais completo e exclusivo à medida que os conhecimentos progredem"³.

Mas não é de todas as escolas que saem os dirigentes da cidade, as elites culturais. Apenas algumas assumem esta tarefa. Os dirigentes escolares acabam **programando** mais ou menos homogêneo como deve ocorrer a integração cultural através das instituições escolares.

Por conseguinte, apesar dos ideais comuns e contemporâneos, há aprendizagens escolares que integram determinadas formas de percepção, determinados sistemas de pensamento e de ação. Isso não implica necessariamente em dissensão. É comum a coexistência de elementos diferentes, inclusive de épocas diferentes. A escola "arrasta categorias e modelos de pensamento pertencentes a diferentes épocas"⁴.

A História Oral é um manancial para o enriquecimento do conhecimento do homem sobre o humano e seu mundo humano. Os documentos humanos são constituídos para dizer do homem. Eles se constituem em um novo manancial que não tem fronteiras teóricas e metodológicas definidas pela atual divisão social do saber, aliás em profunda crise na atualidade⁵. Suas relações (História Oral) com a Sociologia, a Psicologia Social, a Antropologia Cultural e com outros campos da investigação histórica (por exemplo, a História das Mentalidades) possibilitam quebrar os

3. BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**, p. 206.

4. *Ibidem*, p. 208.

5. O texto de Claude Lévi-Strauss, **Mito e significado**, é particularmente rico nesse sentido.

laços hegemônicos da ciência positivista, que dicotomizou o saber e, por conseguinte, possibilitou e incentivou o surgimento do profissional especializado.

O desenvolvimento da ciência, nos moldes em que ocorreu, compartimentalizou o homem e suas coisas, estabelecendo barreiras intransponíveis com repercussões acadêmico-universitárias bem conhecidas e vivenciadas. A compartimentação, aliada à idéia de neutralidade (esta concebe a objetividade sob um dado prisma) já está revelando sinais de exaustão; a absolutização temática, teórica e metodologicamente, tem produzido muitos desvios: um deles é o tema da ideologia tão explorado indevidamente. Pelo contrário: a recuperação do suposto tem percorrido caminhos cuja viabilidade tem sido aberta pelo Mito, pela Poesia, pela Religião, pela Psicanálise. Esses caminhos têm propiciado uma abordagem interdisciplinar significativa e, ao mesmo tempo, têm quebrado os laços hegemônicos da ciência positivista.

Deve-se observar que o privilégio temático aos documentos humanos não rompe com os caracteres fisionômicos próprios à História. Pelo contrário, a História Oral acrescenta à História tradicional (historiografia) o que ela sempre pouco levou em conta, justamente por causa dos ranços positivistas que sempre estiveram presentes em seu interior desde as origens da chamada historiografia **científica**.

A História Oral introduz um procedimento qualitativo, pouco comum à História construída a partir de documentos escritos. Os documentos humanos foram desprezados por não terem validade quantitativa ou fidedignidade. Aliás, a fidedignidade factível dos documentos escritos foi, por vezes, critério-chave para se escrever a História. O desenvolvimento da interpretação histórica construiu para a própria História uma imagem do que deve ser objeto de investigação do passado. Só o que fosse provado, autenticamente factível, seria passível de interpretação.

É plausível assumir que a práxis e a identidade científicas constituem problema metodológico. E a História oral se inscreve no rol das novas fronteiras da ciência, na medida em que não se identifica com nenhuma ciência tradicionalmente construída. Ela acaba se constituindo e se totalizando de fragmentos teóricos e metodológicos dispersos em outras ciências como a Antropologia, a História, a Sociologia, a Psicologia Social.

A História Oral traz à reflexão metodológica uma contribuição enriquecedora, ou seja, a importância do caráter empírico para a elaboração de uma teoria válida. Explicitando melhor: esse suporte de caráter empírico, fundado em documentos humanos e na experiência humana contada, constitui **o fato** para os historiadores orais.

Por outro lado, "... as Histórias de Vida representam a melhor maneira

de compreender a cultura 'do lado de dentro' como um 'conjunto vivo, regido pela harmonia interna, não como um conjunto arbitrário de costumes e instituições, cuja realidade é apenas percebida' "6. Por conseguinte, nas Histórias de Vida, bem como na História oral, o que perdemos em confiabilidade estatística será ganho em "frutífera interação entre dados empíricos e proposições teóricas. A representatividade será sinônimo de compreensão de inteligibilidade"7.

O que está em questão é a validade estatística e a amostragem. A taxionomia e os estudos descritivos não fornecem qualquer explicação. Isso não passa de rotulação dos fenômenos. A amostragem como método ou técnica de pesquisa (é ambíguo seu entendimento) sempre põe em questão a representatividade do universo em pesquisa. A representatividade e a validade evocam novamente a estatística, na medida em que é preciso determinar o percentual da representatividade. O que está em jogo é a significação do que se faz em termos de pesquisa.

A significação não implica necessariamente em confiabilidade, como a representatividade o faz. A significação evoca compreensão. Quando se compreende, não se necessita discutir a quantidade, a confiabilidade estatística, a representatividade. **Quantos** docu-

mentos humanos são necessários para explicar um dado fenômeno não é uma questão que se apresenta à História Oral ou à História de Vida. A ela pertence privilegiar o critério qualitativo. A amostragem (eminentemente quantitativa) não visa propriamente o qualitativo: há uma variação percentual proporcionalmente vinculada ao número da população visada. Relativamente: quanto mais indivíduos, menor é o percentual dos mesmos a ser pesquisado. Seguindo-se as variações percentuais vinculadas ao número da população visada, as conclusões e inferências a partir da análise serão confiáveis. Esse raciocínio é enganoso, pelo menos sob uma certa ótica, qual seja, a da relatividade dos instrumentos de pesquisa. No entanto, e apesar disso, enveredar pela compreensão significa distanciar-se do estatístico, pelo menos nos termos que aqui se põem.

Quando se evoca a compreensão como portadora de qualidade significativa para explicar um dado fenômeno, presume-se que a interpretação seja universalmente presente, que as proposições teóricas estejam presentes tanto em amostras não-representativas, quanto em amostras representativas. O número ideal de casos observados é definido na abordagem da História de Vida pela técnica da **bola de neve** e pelo critério do **ponto de saturação**: as entrevistas demandarão um controle freqüente das informações recebidas, e

6. LÉVI-STRAUSS, Claude. **Sun Chief: the autobiography of a Hopi Indian**, Social Research, vol. 10, nº 4, 1943, p. 915. In: CAMARGO, Aspásia. **Os usos da História Oral e da História de Vida: trabalhando com elites políticas**, p. 9.

7. CAMARGO, Aspásia, op. cit., p. 9.

a hipótese será provavelmente reformulada várias vezes até que a rede de relações sociais se torne clara. A esse processo cumulativo podemos chamar de técnica da **bola de neve**.

Investigar sobre os professores, agentes pedagógicos, não é tarefa tão complexa, porque estão acostumados a dialogar, a lidar com o público, e a serem por ele questionados. Isso facilita a investigação porque espontaneamente já desenvolvem a reflexão oral articulada sobre suas próprias vidas e experiências. De per se, já estiverem expostos à opinião pública.

No entanto, uma desvantagem deve ser registrada: embora haja facilidades em técnicas documentais humanas, o silêncio e a discrição também estão presentes. Quanto mais destacado na vida educacional e política for o ator da História Oral, maior o risco de conceder informações **verdadeiras** sobre si mesmo e sobre os outros. Os professores aposentados, os excluídos, os perdedores serão os melhores informantes, não temerão curiosidade do pesquisador. Pelo contrário, o pesquisador tende a ser o depositário de denúncias (injustiças, traições, interesses de grupo, etc). É preciso observar que estes tenderão a estar periféricamente à margem da estrutura, do sistema e da vida educacional.

A eleição das pessoas a serem entrevistadas é uma determinação da parte do pesquisador, tendo em vista que somente as pessoas escolhidas detêm consigo a vivência e a experiên-

cia passíveis de se tornarem informações que venham a suprir a ausência de documentos tradicionalmente significativos. Por isso, a História Oral se apresenta como subsídio técnico à pesquisa histórica.

É claro que a História Oral objetiva um assunto particular: por isso, a escolha das pessoas é proporcionalmente vinculada à sua vivência. Releva a vivência pessoal e única dos sujeitos, mesmo que alguns ou todos tenham participado da mesma experiência em locais diversos ou não.

Cabe ao entrevistador deixar o informante à vontade, suscitando as facetas mais diversas do entrevistando: crônica, autojustificação, narrações, confissões, justificativas, auto-análise, etc.

Em nossa sociedade de mudanças, de inovações tecnológicas, à cata de novidades, não há lugar para a velhice. O fascínio pelo novo não dá lugar ao velho. A sociedade de consumo e industrial não interroga sobre o que é, o que significa, mas sim como funciona. Por isso, o sujeito humano só tem assento nela se for útil. O velho não o é. E o que o projeto intenciona é recuperar o sujeito humano, sua significação no contexto da cultura. O sujeito humano na sociedade de classes não é sujeito; é indivíduo. Nisso se encontra a contraposição deste projeto de pesquisa: privilegia os **alienados** pelo sistema, os despersonalizados.

Coletar as memórias não significa apenas coletá-las, mas dar existência às mesmas, fazê-las significativas. Eis uma tarefa restauradora: atribuir sentido ao que, em nossa sociedade atual, não faz sentido. Este estudo pretende trazer o passado até nós, fazer as memórias educacionais e pedagógicas existirem, talvez mais fenomenicamente que aquela historiografia vinculada ao modo de produção. Numa palavra, torná-las contemporâneas de nós mesmos, na ânsia de clarear nosso tempo. A coleta de memórias de velhos atuantes é uma tarefa de compreensão da realidade social pelo ângulo de uma geração de professores.

"Narrar é também sofrer quando aquele que registra a narrativa não opera a ruptura entre sujeito e objeto"⁸. Transpondo, diríamos que vamos tentar localizar a área de interseção entre o ciclo da vida e o ciclo histórico. Isso possibilita compreender melhor as características sociais das experiências pessoais.

As vidas que vamos ouvir e narrar, vivendo, são produções interpessoais inclusive para e com o entrevistador. Elas envolvem relações muito complexas, cujas vertentes na moral, na política, na economia, na educação são inúmeras. Tais histórias pessoais estão povoadas evidentemente pelo social.

A temporalidade é um aspecto básico no estudo das Histórias de Vida. Há duas formas de temporalidade: "o tempo mundano é o tempo cotidiano, cortado, categorizado em blocos, pedaços e segmentos discretos que chamamos o passado, o presente e o futuro. O tempo fenomenológico é o tempo como fluxo contínuo. O futuro, o passado e o presente são processos contínuos dos quais a pessoa é parte"⁹.

Ainda com Norman K. Denzin, afirmamos que a "pessoa no seu tempo fenomenológico interior, não pode traçar uma linha firme entre o presente, o passado e o futuro. Não pode atribuir um significado claro aos acontecimentos enquanto não passar por eles e depois olhar para eles como ocorrências que a envolveram. Uma vez ocorridos os acontecimentos na temporalidade circular do tempo, quando já se pode refletir sobre eles, estes podem então ser datados, situados, interpretados e fixados num calendário dentro do tempo mundano - mas isto não acontece durante a ocorrência que se viveu"¹⁰. A tarefa do pesquisador será como que elaborar um mapeamento em torno do acontecido a partir dos testemunhos orais: é um mapeamento da vida das pessoas.

O processo de compreensão dos depoimentos deve ser subjetivizado, isto é, não é possível interpretar as ações de uma pessoa olhando de fora para dentro, como o fazem aquelas tendências empiristas (por exemplo, a

8. BARBOSA, João Alexandre. **Uma psicologia do oprimido**. In: BOSI, Eclea, op. cit., p. XIII.

9. DENZIN, Norman K. Interpretando as vidas de pessoas comuns: Sartre, Heidegger e Faulkner, p. 34.

10. *Ibidem*, p. 34-35.

positivista, a marxista, a funcionalista). Cada depoimento de vida é ao mesmo tempo singular e universal, particular e generalizável. As Histórias de Vida expressam a história pessoal e a social: elas são tecidas relacionalmente.

"Cada vida é vivida e contada dentro de uma linguagem particular e de um conjunto de significados"¹¹. Por isso, o indivíduo depoente deve ser considerado e interpretado como um todo, não em termos de partes ou categorias. O propósito da investigação é "como as pessoas deixam suas mar-

cas nas outras pessoas, lugares e coisas com as quais conviveram, interagiram, e às quais tocaram durante o tempo em que percorreram o ciclo de acontecimentos que chamaram a sua vida e a vida dos outros"¹².

A nossa preocupação, aqui em projeto, não deve ser com os métodos ou com a lógica, mas com a interpretação. Este estudo é um suporte para que o sujeito humano resista e prevaleça, lute para que o próprio sujeito seja recuperado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Observação: evidentemente tal levantamento bibliográfico não é completo ou exaustivo. Aqui, ater-nos-emos às referências bibliográficas teóricas sobre o tema do projeto, bem como à metodologia do mesmo. De propósito, não estão elencados aqui elementos bibliográficos referentes à história de Uberlândia, bem como à história do período que abarca esse estudo. Enfatize-se ainda que a bibliografia particularmente vasta de estudos histórico-educacionais sobre o Brasil no século XX, aqui tampouco foi mencionada.

BALÁN, Jorge et alii. **Las historias de vida en ciencias sociales. Teoría y técnica**. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1975.

BASTIDE, Roger. Introdução a dois estudos sobre a técnica das Histórias de Vidas. **Relações Humanas**, S. Paulo, 8(22-23):80-83, jul. agosto de 1965.

BOECHAT, Ivone. **Escola, Doce Escola**. 5 ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1987.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. S. Paulo, T.A. Queiroz, 1983.

CAMARGO, Aspásia. Os usos da história oral e da história de vida. **Dados**, Rio de Janeiro, 27(1):5-28, 1984.

11. Ibidem, p. 41.

12. Ibidem, p. 42.

- CIPRIANI, Roberto. Biografia e cultura: da religião à política. In: Von Simson, Olga de M. (org.) **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. S.Paulo, Vértice/Ed. Rev. dos tribunais, 1988, p. 106-176.
- CORREA, Carlos Humberto. **História oral (teoria e técnica)** Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1978.
- DEBERT, Guita G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: CARDOSO, Ruth (org.). **A aventura antropológica**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, p. 141-156.
- DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. História de vida na abordagem de problemas educacionais. In: Von Simson, Olga de M. (org.) **Experimentos com história de vida: Itália-Brasil**. S.Paulo, Vértice/Ed. Revista dos Tribunais, 1988, p. 44-105.
- DEMARTINI, Zeila de B.F. et alii. Os alunos e o ensino na República Velha através das memórias de velhos professores. **Cadernos de Pesquisa**, S.Paulo nº 52, p. 61-72, fev. de 1985.
- DEMARTINI, Zeila de B.F. (org.). **Velhos mestres das novas escolas: um estudo das memórias de professores da Primeira República em São Paulo**. S.Paulo, Centro de estudos Rurais e Urbanos (CERU), Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), 1984.
- DENZIN, Norman K. Interpretando a vida de pessoas comuns: Sartre, Heidegger e Faulkner. **Dados**, vol.27, nº 1, p.29-43 (Rio de Janeiro) 1984.
- DOMINICÉ, Pierre. **A Biografia educativa: instrumento de pesquisa para a educação dos adultos**, S/L, S/D, mimeo.
- GOULART, Iris. Barbosa. Psicologia da educação em Minas Gerais: histórias do vivido. **Educação em Revista**, Belo Horizonte (3):24-26, junho de 1986.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis, Vozes, 1987.
- IGLESIAS, Esther. Reflexões sobre o que fazer da história oral no mundo rural. **Dados**, Rio de Janeiro, vol. 27, nº 1, p. 59-70, 1984.
- JESUS, Osvaldo Freitas de. Educação e mundo cotidiano. **Educação e Filosofia**. Uberlândia, vol. 1, nº 1, p. 11-23, jul-dez de 1986.
- MACIOTI, Maria Imacolata. Vida cotidiana. In: Von Simson, Olga de M. (org.). **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. S. Paulo, Vértice/Ed. Revista dos Tribunais, 1988, p. 177-192.

NOGUEIRA, Oracy. A história de vida como técnica de pesquisa. **Relações Humanas**, S.Paulo, 8 (22-23):67-78, abril-agosto de 1965.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento**. S.Paulo, Brasiliense, 1983.

PINEAU, Gaston. **Produire sa vie: autoformation et autobiographie**. Montreal, Ed. Saint-Martin, 1983.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: Von Simson, Olga M. (org.). **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. S.Paulo, Vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1988, p. 14-43.

THOMPSON, Paul. **The voice of the past: oral history**. Oxford, Oxford University Press, 1978.